

Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas

(Grammaticalization of constructions as current tendency of functionalist studies)

Mariangela Rios de Oliveira¹

¹Instituto de Letras – Universidade Federal Fluminense (UFF)/CNPq/Faperj

mariangela.rios@terra.com.br

Abstract: This paper discusses the process of the grammaticalization and the degrees of grammaticality of the linguistic usage in a unique view. This perspective links the functionalist and cognitivist theoretical orientation through a constructional approach. It is assumed that such association contributes positively to the more integrated research on patterns research, in terms of the correlation between function x form from which they result.

Keywords: Grammaticalization; constructions; Portuguese; Functionalism.

Resumo: O artigo trata do processo de gramaticalização e dos graus de gramaticalidade dos usos linguísticos numa perspectiva que une a orientação teórica funcionalista à cognitivista, por intermédio da abordagem construcional. Assume-se que tal associação contribui positivamente para a pesquisa mais integrada dos padrões de uso, em termos da correlação função x forma de que resultam.

Palavras-chave: Gramaticalização; construções; língua portuguesa; Funcionalismo.

Introdução

Neste artigo, voltamo-nos para um dos rumos mais recentes e promissores da pesquisa de orientação funcionalista de vertente norte-americana. Estamos nos referindo a um tipo de investigação que, inspirado nas contribuições do Cognitívismo, mais especificamente em Croft e Cruse (2004) e Goldberg (2006), busca nos estudos sobre *construção* fundamentos teóricos para a análise interpretativa de trajetórias de gramaticalização, em perspectiva histórica, e de graus de gramaticalidade, em viés sincrônico, nos termos de Traugott (2008; no prelo) e Noël (2007), entre outros.

Assumimos que a investigação de padrões de uso linguístico, no Funcionalismo, aliada à abordagem construcional, no âmbito dos estudos cognitivistas, tende a conferir maior rigor analítico às pesquisas desenvolvidas nessa vertente. Tal rigor advém de dois aspectos que se salientam a partir de tal interface: a maior vinculação do binômio *função x forma*, que passa a ser considerado como de forte correspondência, e o maior controle na detecção, descrição e interpretação das propriedades atuantes na correlação de aspectos funcionais e formais.

Assim posto, nosso objetivo neste artigo é o de apresentar tal vertente de estudos, destacando sua contribuição para a pesquisa de padrões de uso do português e consequente abertura de uma vasta e instigante agenda de trabalho. Para tanto, na primeira seção do artigo, trazemos distintas concepções do termo *gramaticalização* no âmbito do Funcionalismo, desde as clássicas até as mais recentes; nessa parte, chamamos a atenção para a constante referência à dimensão contextual envolvida na mudança linguística. Na

segunda seção, dedicamo-nos de forma mais específica ao tratamento construcional nos estudos sobre processos de gramaticalização e graus de gramaticalidade, destacando as contribuições dessa vinculação para a pesquisa da língua em uso. A terceira seção é dedicada principalmente à exposição dos principais postulados de Bybee (2010) e Traugott (2008; no prelo), como fontes de alta relevância para a proposta do tratamento construcional na esfera dos estudos funcionalistas que aqui defendemos. Por fim, na quarta seção, de feição mais empírica face às demais, trazemos resultados de nossa pesquisa sobre padrões de uso de expressões verbais integradas por pronomes locativos, como *aí está* e *vamos lá*, a partir do aparato teórico aqui apresentado e defendido. Encerramos o artigo com a apresentação de possíveis rumos de pesquisa, na ratificação de que o tratamento construcional dos aspectos funcionais do uso linguístico abre uma extensa e promissora agenda de trabalho para os pesquisadores dessa área científica.

Concepções de gramaticalização e o papel do contexto

Ao longo das pesquisas sobre mudança de forma e sentido em viés funcionalista, podemos observar a crescente valorização dos aspectos contextuais na descrição e na interpretação do uso linguístico. Desde a primeira referência ao termo *gramaticalização* feita por Meillet (1921 [1912]), que o definia como a atribuição de caráter gramatical a um elemento originalmente autônomo, de natureza lexical, passando pela definição de Kurylowicz (1965), para quem a gramaticalização consistia na passagem de um morfema de valor lexical para o estatuto de gramatical, ou ainda de uma categoria menos para outra mais gramatical, o conceito sobre o termo tem sofrido releituras e reformulações.

Tais reelaborações conceituais, longe de negarem as concepções iniciais sobre polissemia e mudança gramatical, têm contribuído para o refinamento do aparato teórico funcionalista, que, assim, acompanha o desenvolvimento das pesquisas nas distintas áreas da Linguística e das ciências afins, refinando e redimensionando seus pressupostos. Assim é que, ao longo dos anos, desde Meillet e Kurylowicz, registram-se várias referências que ampliam o escopo da análise funcionalista, na consideração das relações associativas ou contextuais na investigação dos fenômenos linguísticos.

À guisa de exemplificação, apresentamos a seguir cinco dessas referências, entre as muitas que poderiam aqui figurar:

- a. DeLancey (1993): estabelece que o ponto inicial do processo de gramaticalização é uma *construção produtiva*.
- b. Bybee (2003): define gramaticalização como *criação de novas construções*.
- c. Himmelmann (2004): destaca que elementos se gramaticalizam *em contextos sintáticos específicos*.
- d. Haspelmath (2004): conceitua gramaticalização como mudança diacrônica pela qual partes de um *esquema construcional* passam a desenvolver forte *dependência interna*.
- e. Traugott e Dasher (2005): defendem a relevância da metonimização para mudança gramatical.

Como podemos observar pelas cinco declarações referidas, preocupações de ordem contextual, atinentes a ambientes sintáticos mais amplos ou esquemas específicos de uso, passam a constituir foco de atenção e controle por parte dos estudiosos, principalmente a partir dos anos 90 do século XX. De todo modo, tal preocupação carece de maior rigor e controle, uma vez que, via de regra, termos como *construção produtiva*, *esquema construcional*, *contexto sintático específico*, entre outros, carecem de precisão conceitual.

Como bem salientam Noël (2007) e Traugott (2008; no prelo), essa incorporação da referência contextual ainda é feita de modo pouco sistemático e rigoroso. O *contexto* é tratado como entidade vaga, genérica, de contornos pouco ou nada definidos e, por isso mesmo, sua abordagem, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, torna-se tarefa de difícil e complexa execução. Tal dificuldade coloca-se, ainda hoje, como verdadeiro desafio aos funcionalistas, uma vez que, ao assumir efetivamente as relações contextuais como motivadoras dos fenômenos linguísticos, é preciso dar conta dessa dimensão com maior rigor e precisão, sob pena de os resultados de pesquisa não serem capazes de testar hipóteses e atingir as metas estabelecidas inicialmente. Outro risco é, sob o rótulo *contexto*, serem abrigadas, de modo indiscriminado, motivações de natureza muito diversa, sem o devido embasamento teórico que justifique sua seleção e tratamento. Uma das alternativas teórico-metodológicas para a assunção do contexto de modo mais efetivo e rigoroso é justamente seu tratamento em perspectiva construcional.

O que as declarações de *a* e *e* destacam é que a investigação de itens isolados, como se fossem detentores de autonomia e percurso próprio, vai cada vez mais cedendo espaço no Funcionalismo à consideração de expressões maiores, de padrões de uso específico, de unidades pré-fabricadas, nos termos de Erman e Warren (2000), de tipo lexical, sintático ou pragmático. Nesse sentido, como demonstram Traugott e Dasher (2005), os processos metonímicos passam a ganhar destaque sobre os metafóricos, uma vez que derivações de sentido são interpretadas como resultantes de relações associativas, relacionais e indexais. Na verdade, levando em conta a relação motivada *função* > *forma*, tão cara à pesquisa funcionalista clássica, com o destaque para o eixo funcional, o que vemos agora é uma verdadeira guinada, que passa a destacar a dimensão estrutural na pesquisa dos usos linguísticos. Assim, os aspectos formais, que durante anos foram vistos como mera consequência de motivações semânticas ou pragmáticas, são reconsiderados e alçados a outro patamar, segundo o entendimento de que é preciso levá-los mais em conta, como já prenunciava Givón (1995).

A relevância dos aspectos estruturais e das relações associativas, com a seleção de objetos de pesquisa mais complexos e tomados de forma holística, acaba por aproximar, de modo efetivo, o Funcionalismo do Cognitivismo. Tal aproximação se consubstancia, de forma mais evidente, no viés dos estudos de *gramaticalização de construções*.

Gramaticalização como construcionalização

Do conjunto dos postulados cognitivistas, têm interessado mais especificamente ao Funcionalismo os relativos à concepção construcional, uma vez que tais postulados têm se mostrado produtivos para a pesquisa da mudança gramatical e das relações contextuais aí envolvidas.

De acordo com Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) e Croft e Cruse (2004), construções são entendidas como esquemas virtuais, altamente abstratos, com forte vinculação

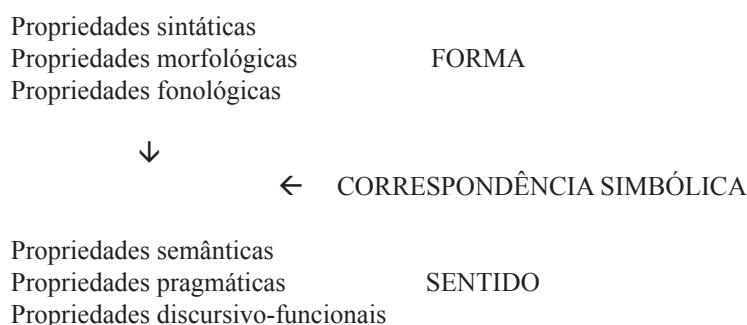
de forma e sentido. Essa vinculação se identifica por uma série de traços definidores, como a proposição de que o sentido de uma construção não corresponde à mera soma do sentido de cada um de seus constituintes e de que a alta vinculação semântico-sintática de uma construção tende a impossibilitar inversões de ordem interna entre seus constituintes e mesmo inserções de outros termos. Para os cognitivistas, a língua é concebida como um grande inventário de construções, de diversa extensão e tipologia, sem maior distinção entre os níveis do léxico e da gramática. Outra marca da abordagem construcional é sua desvinculação em relação à trajetória histórica das línguas, ou seja, não há propósito em investigar possíveis derivações de sentido e forma que motivariam mudanças de um padrão construcional, seja em menor seja em maior amplitude.

Assim posto, como salienta Noël (2007), é preciso selecionar e controlar quais os pressupostos construcionais que mais de perto interessam à pesquisa de cunho funcionalista, na consideração primeira das distinções que se manifestam entre as duas vertentes linguísticas. Em primeiro lugar, os funcionalistas entendem que há, ainda que de forma não categórica e discreta, o plano do léxico e o da gramática, considerando que existem sentidos, como os mais concretos e referenciais, e que há classes morfológicas, como os nomes e os verbos plenos, que prototipicamente se encontram no plano lexical, enquanto outros sentidos, como os procedurais e epistêmicos, por exemplo, e outras classes morfológicas, como as preposições e conjunções, se localizam de modo exemplar no plano da gramática. O tratamento das duas instâncias – léxico e gramática – separa as abordagens funcionalista e cognitivista, mas não inviabiliza o diálogo das pesquisas em ambas as áreas.

Outro ponto de distinção das duas abordagens é a consideração da perspectiva histórica no Funcionalismo, que se releva pelo foco nos estudos sobre polissemia e mudança gramatical. Mais uma vez, levando em conta tal distinção, é possível manter o diálogo entre as duas vertentes teóricas. Uma dessas possibilidades reside na consideração de que ao Cognitivism interessam os padrões construcionais fixados e estabilizados na língua, enquanto ao Funcionalismo cabe, além dessa tarefa, a pesquisa dos processos que conduziram a tal fixação, as mudanças de forma e sentido ocorridas na trajetória histórica das línguas. Conforme destaca Noël (2007), as construções de uma língua podem ser dispostas num *cline*, de modo que, desse conjunto, o Funcionalismo investigue aquelas que mais de perto lhe dizem respeito, como, por exemplo, as resultantes de mudança gramatical, motivadas por pragmatização.

Das contribuições cognitivistas, uma das mais relevantes para o Funcionalismo tem sido a proposta de pareamento *forma x sentido* defendida por Croft (2001, p. 18), assim exposta:

CONSTRUÇÃO



De acordo com Croft (2001) e Croft e Cruse (2004), as dimensões da forma e do sentido, que compõem a construção, são constituídas, cada qual, por três propriedades básicas. As duas dimensões se encontram fortemente ligadas por correspondência simbólica. A frequência *type* é considerada determinante para a fixação do nível de entrenchamento das referidas dimensões enquanto esquemas, cabendo ao analista identificar e correlacionar as seis propriedades, de modo que, juntas e articuladas, sejam capazes de descrever a construção. De acordo com os autores, o modelo formulado é *baseado no uso*, ou seja, a virtualidade construcional é estabelecida na pesquisa pela coleta, descrição e análise de dados empíricos. Esses dados afetam e são afetados pelos modelos construcionais no momento da interação, que, por sua vez, tem forte apoio na cognição e na experiência.

Tal proposta de análise tem sido relevante e produtiva para as pesquisas funcionalistas que passam a investigar os usos linguísticos em perspectiva construcional. Em Bybee (2010) e mais notadamente em Traugott (2008; no prelo), encontramos referências e propostas de refinamento do modelo acima apresentado. Conforme a segunda autora, cabe ao Funcionalismo pesquisar de modo mais específico dois tipos de mudança pelas quais passam as construções: as que afetam subcomponentes de uma construção, as *mudanças construcionais*, e as que criam um novo e convencionalizado pareamento de forma e sentido, uma nova combinação, as *construcionalizações*. Ainda de acordo com Traugott (no prelo), as mudanças construcionais podem preceder ou acompanhar processos de construcionalização.

Tendências atuais da pesquisa

Nesta seção, voltamo-nos mais especificamente para duas pesquisadoras funcionalistas que têm se dedicado à recente formulação teórico-metodológica na interface dos estudos funcionalistas e cognitivistas – Joan Bybee e Elizabeth Traugott. Trazemos aqui algumas de suas postulações que têm se mostrado produtivas e relevantes para a pesquisa na área.

Em Bybee (2010, p. 6-8), defende-se que os usos linguísticos são marcados, concomitantemente, pela sistematicidade e pela complexidade. Nesse sentido, variação, gradiência e mudança gramatical devem ser consideradas como manifestações que seguem determinadas tendências gerais e que afetam ambientes sintáticos mais amplos. Confor-

me a autora, em sua proposta também *baseada no uso*, são identificados cinco processos linguísticos de domínio geral:

- a) Categorização: propriedade cognitiva em reconhecer e associar entidades por semelhança, em representar e agrupar por meio de traços comuns.
- b) Encadeamento (*chunking*): vinculação de sentido e forma de constituintes, na formação de unidades complexas.
- c) Memória enriquecida: estocagem de detalhes da experiência com a língua, envolvendo conhecimento gramatical, semântico e pragmático dos usos linguísticos.
- d) Analogia: produção de enunciados com base em outros já produzidos, que servem de modelo para novos.
- e) Associação transmodal: experiências co-ocorrentes tendem a ser associadas em termos cognitivos.

Segundo Bybee (2010), construções são entendidas como padrões *efetivos* de uso. Em outras palavras, a autora se afasta um pouco mais do modelo cognitivista, ao tomar a construção como ocorrência ou dado empírico, e não como instância abstrata e virtual. De acordo com Bybee (2010), pelo processo de categorização, são definidos os representantes construcionais exemplares, que acabam também por fornecer modelos para mecanismos de analogização. A analogia, que na fase inicial dos estudos funcionalistas se encontrava relegada a plano secundário, passa a ganhar mais evidência e importância quando se destacam as relações metonímicas e associativas envolvidas nos usos linguísticos.

Em termos de vinculação de sentido e forma, a autora propõe o gradiente *encadeamento > idiomatismo / pré-fabricação > gramaticalização*. Assim posto, como Noël (2007), Bybee (2010) considera que, das esquematizações em geral, interessam ao Funcionalismo, na investigação da mudança gramatical, as mais convencionalizadas, que, via de regra, se constituem também como as mais entrincheiradas, as menos extensas e as mais recorrentes. Construções gramaticalizadas apresentam baixos níveis de composicionalidade (aferição do sentido a partir do sentido dos subcomponentes) e analisabilidade (identificação formal dos subcomponentes), o que lhes confere maior autonomia, generalização e frequência de uso.

Já em Traugott (2008) encontramos um tipo de abordagem que mais se coaduna com a perspectiva cognitivista. Ao definir a língua como sistema simbólico de pares de forma e sentido, inspirada principalmente por Croft (2001) e Croft e Cruse (2004), a autora parte de um conceito de construção distinto do de Bybee (2010). Para Traugott (2008), construções são consideradas como entidades teóricas e virtuais, projetadas para a captura de associações convencionais de forma e sentido. Com base nessa declaração, a autora defende que a análise funcionalista de vertente construcional precisa levar em conta e em conjunto as seis propriedades postuladas por Croft (2001) e Croft e Cruse (2004).

Assim posto, traços de natureza formal, como os atinentes aos níveis fonológico, morfológico e sintático, devem ser considerados em correlação direta com traços de sentido, desdobrados em semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. Com base nessa declaração, as propriedades de forma deixam de ser vistas como consequência das de sentido, equilibrando, por assim dizer, a relação entre ambas as dimensões. Tal proposição tem implicações relevantes para o Funcionalismo, uma vez que a clássica derivação

função > *forma* cede lugar a uma abordagem que privilegia os traços de correspondência entre esses domínios, numa relação mais próxima à *função* = *forma*. O binômio *função* = *forma* deve orientar tanto a pesquisa funcionalista histórica, na detecção de trajetórias de gramaticalização, quanto a sincrônica, na identificação de graus de gramaticalidade.

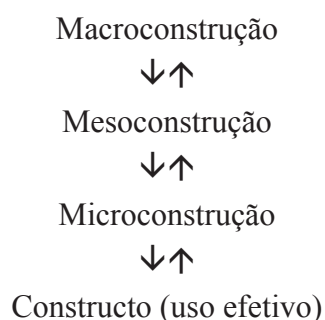
No destaque da correlação entre forma e sentido, Traugott (no prelo), tal como encontramos em Bybee (2010), enfatiza os mecanismos de analogização e reanálise como altamente relevantes para a fixação de padrões de uso gramatical. Conforme Traugott (no prelo), a analogização é concebida como um mecanismo de mudança que, partindo de determinado padrão fixo na língua, toma esse padrão para novos realinhamentos. Esses realinhamentos, que acabam por atribuir novos sentidos ou formas aos padrões já existentes, envolvem ainda o mecanismo de reanálise. Para a autora, seria mais adequado falar de *neoanálise* do que de *reanálise*, uma vez que o que ocorre, de fato, são novas interpretações ou associações contextuais, sem que, necessariamente, essas reelaborações sejam feitas com base numa pressuposta interpretação *padrão*, como algo estabelecido *a priori*. O destaque da analogização tem correspondência com proposta das representações exemplares, de Bybee (2010), e das relações de herança, de Goldberg (1995; 2006).

Seja como for, o fato é que, a partir do redimensionamento dos dois mecanismos – analogização e neoanálise – a investigação funcionalista não precisa buscar, compulsoriamente, a unidirecionalidade de todos os usos linguísticos, uma vez que grande parte desses usos tem na analogização e na neoanálise sua motivação maior. Dessa forma, via analogização e neoanálise, padrões de uso podem se tornar fixos e convencionais sem passar, necessariamente, pelas etapas de derivação de sentido e de forma já clássicas na pesquisa funcionalista, tais como, respectivamente, a trajetória metafórica proposta em Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991), com o *cline* *pessoa* > *objeto* > *atividade* > *espaço* > *tempo* > *qualidade*, ou ainda a escala de Givón (1979) *discurso* > *sintaxe* > *morfologia* > *morfologia* > *zero*.

Conforme Traugott (2008), para que a pesquisa funcionalista adote a perspectiva construcional, é necessário rigor teórico-metodológico, uma vez que se está tratando da compatibilização de duas distintas vertentes de pesquisa linguística. Para tanto, a autora propõe quatro estágios de análise construcional, assim definidos:

- a) Macroconstrução: esquemas abstratos e virtuais;
- b) Mesoconstrução: conjunto de construções específicas, com função semelhante;
- c) Microconstrução: construção *type* individual;
- d) Constructo: *token* empiricamente comprovado, o *locus* da mudança gramatical.

Esses estágios, organizados hierarquicamente, são distribuídos e articulados de acordo com a seguinte disposição:



Conforme podemos observar, os quatro estágios são conectados por duas sequências de setas. As setas para baixo contemplam os mecanismos de analogização, uma vez que partem do esquema mais abstrato e virtual, que fornece o modelo para a fixação de novos alinhamentos; com base na macroconstrução e em seus desdobramentos mesoconstrucionais, ocorrem outros preenchimentos que vão, também, concorrer para a mudança linguística. As setas para cima se referem aos processos de construcionalização, em que a combinação de pares de sentido e forma, no nível do construto, via neoanálise, aumento de produtividade e esquematicidade, derivam em novos pareamentos de sentido e forma na língua, entendidos como convencionalizações inaugurais.

O olhar mais atento para os quatro estágios propostos por Traugott (2008) situa a pesquisa funcionalista no nível mais *baixo* dessa escala, correspondente ao construto. Referido como o de uso efetivo, o construto é o dado linguístico empiricamente constatado, a partir do qual são propostos ou formulados os demais níveis acima. Macro, meso e microconstruções são instâncias escalares e situadas em graus distintos de abstratização, sendo as macroconstruções as mais virtuais e esquemáticas. Assim, numa abordagem construcional, cabe ao Funcionalismo duas tarefas precípuas: a) captar relações entre pares de forma e de sentido, na tentativa de detecção de processos de construcionalização, ao longo da história dos usos linguísticos; b) investigar os mecanismos de analogização e reanálise, em perspectiva diacrônica e sincrônica, com base no levantamento de construtos e nos padrões micro, meso e macroconstrucionais.

Segundo Traugott (no prelo), mudanças se iniciam com pequenas inovações e em escalaridade, mas somente podem ser consideradas como tal no momento em que são convencionalizadas. A convencionalização passa por: a) aumento de esquematicidade e de associações paradigmáticas; b) incremento de produtividade e extensão para novos tipos (*host-class*); c) menor acessibilidade dos subcomponentes construcionais, em termos de sentido e de forma.

Padrões construcionais formados por pronomes locativos

Da extensa pesquisa integrada sobre usos adverbiais do português, que tem ocupado nossa agenda de trabalho já há alguns anos no Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, conforme se constata em Oliveira e Cezario (2012), selecionamos, para esta seção, dois padrões construcionais de base verbal, formados por pronomes locativos – as macroconstruções locV e Vloc. Consideramos que esses dois esquemas virtuais se desdobram em construções específicas, a depender do tipo semântico do verbo e do pronome locativo. As mesoconstruções, por sua vez, se efetivam nos *types* individuais, nos exemplares específicos de cada subconjunto. Na pesquisa, examinamos os constructos, os *tokens* de uso, relacionando-os aos níveis superiores.

Assumimos como hipóteses que: a) ambos os padrões têm origem num tipo de construto de base verbal locativa, como parte de predicado oracional, que passou a ser reanalisado como expressão desvinculada do sujeito e de outro contexto oracional; b) a macroconstrução locV corresponde à retenção de um tipo de uso adverbial mais frequente na fase arcaica do português, em que era clara a tendência de posicionamento antes do verbo para os advérbios; c) a macroconstrução locV tem história mais recente na língua, reproduzindo o tipo de ordenação adverbial mais novo, referente ao posicionamento pós-

-verbal do advérbio; d) em termos de derivação semântico-funcional, ambos os padrões cumprem função conectiva em distintos níveis da língua – locV atua como operador, no nível sintático, enquanto Vloc funciona como marcador, no nível pragmático, estágio mais avançado de gramaticalização.

O primeiro padrão, locV, conforme se encontra em Rocha (2011) e Oliveira e Rocha (2011), se efetiva em torno de construtos exemplares como *daqui/daí vem* ou *aí/aqui está*. Trata-se de modelos de uso que servem de base para a fixação de outros, por analogização. Trazemos a seguir alguns dados de Rocha (2011), coletados do português contemporâneo em blogues da internet:

(1) *topico do mibr serve pra ajudar ser ajudado debater discutirpostar videos ensinar tutoriais etc... Po os Kra do site da mibr ficam o tempo todo fazendo peskisa ou tao trabaiaando la daí eles postam a noticia no site **daí vem** outro e copia? Pra q q ele vai faze intão...*

(2) *Para mim, muitos dos sintomas q atribuímos a menopausa tem outras fontes. E a menopausa (coitada) leva a culpa. Um dos principais sintomas e (O ninho vazio) e **daí vem** outras causas...*

Em (1) e (2), consideramos que se trata de usos nos quais *daí vem* ainda preserva traços de composicionalidade e analisabilidade. Nos dois fragmentos, podemos admitir que os termos *outro* e *outras causas*, respectivamente, atuam como sujeito da forma verbal *vem*, o que preservaria, em princípio, o estatuto mais lexical desta forma. A partir de tal interpretação, o sentido lógico e a função relacional caberiam primordialmente a *daí*. Contextos como esse, classificados como *atípicos* ou *críticos* por Diewald (2002), convidam a inferências, nos termos de Traugott e Dasher (2005), que permitem, de outra parte, leitura mais integrada de *daí vem*.

De acordo com Traugott e Dasher (2005), locutores lançam mão de termos mais referenciais, de natureza lexical, reelaborando-os para propósitos mais pragmáticos ou comunicativos. Nesse intento, convidam seus interlocutores a partilharem desses mesmos propósitos. Os usos mais integrados e convencionalizados de *daí vem* são típicos desses ambientes sugestivos. A maior integração semântico-sintática de *daí vem* se encontra, por exemplo, em fragmentos como o seguinte:

(3) *Há educadores tentando ensinar. **Daí vem** o interesse comercial e faz isso: “Eu rolo, tu rolas, ele *****”. Pode?*

Em (3), a possibilidade de atribuição de papel de sujeito a *o interesse comercial* é pequena, seja pela posposição em relação com elemento verbal, seja pela ausência de outros traços prototípicos dessa categoria, como animacidade, agentividade ou volição. Assim posto, *daí vem* é tomado, em termos de sentido e de forma, como um todo, que atua na conexão lógica entre as declarações anterior e posterior, na função de articulador de contraexpectativa.

Oliveira e Rocha (2011, p. 168) apresentam o seguinte levantamento, com a distribuição dos 48 usos de *daí vem* coletados a partir do *site* de busca Google, até a página sete dos *sites* sugeridos pelo buscador:

Tabela 1: Usos de *daí vem* no português contemporâneo do Brasil

Usos de <i>daí vem</i>	Número de dados
Expressão mais referencial	3
Articulador de contraexpectativa	13
Operador argumentativo	12
Sequenciador	3
Caso imbricado	5
Introdutor de tópico	12
Total	48

A Tabela 1 elenca seis funções para a expressão *daí vem*. Os tipos de uso mais frequentes, relativos aos papéis de articulador de contraexpectativa, operador argumentativo e introdutor de tópico, perfazem a quase totalidade dos dados e são também os mais convencionalizados. Registram-se ainda cinco dados considerados *imbricados*, ou seja, que se encontram em contextos críticos, nos quais prevalece a sobreposição funcional e a dificuldade de identificação efetiva do papel de *daí vem*.

A partir dos resultados obtidos na Tabela 1, Oliveira e Rocha (2011, p. 174) propõem o seguinte *cline* de integração semântico-sintática para *daqui vem*:

<i>menos gramatical</i>	\longrightarrow	<i>mais gramatical</i>
sequenciador + V >	sequenciador >	articulador de contraexpectativa operador argumentativo introdutor de tópico

No momento atual, a pesquisa da macroconstrução locV se desenvolve em nível de doutoramento. Para esta nova etapa, são elencadas as mesoconstruções específicas em que desdobra o esquema abstrato locV, a partir dos traços semântico-sintáticos do subcomponente verbal, e, na sequência, são levantados os *types* em uso no português contemporâneo, como *aí está*, *aqui concludo*, *lá vem*, entre outros.

A segunda macroconstrução de base verbal integrada por pronome locativo e por nós pesquisada é Vloc. Essa investigação, iniciada em Teixeira (2010) e hoje desenvolvida também como tese de doutoramento, parte do pressuposto de que o construto exemplar *vamos/vá lá* fornece a base analógica para padrões de uso como *quero lá*, *sei lá*, *vê lá*, entre outros.

Como destacado em Teixeira e Oliveira (2010, p. 74), defende-se o seguinte *cline* de gramaticalidade para *vamos lá*:

<i>menos gramatical</i>	\longrightarrow	<i>mais gramatical</i>
V + loc >	monitor textual >	monitor social

Os três fragmentos apresentados a seguir correspondem, respectivamente, aos três padrões de uso referidos na trajetória apresentada:

(4) *Por isso, não admito a indiferença. Eu jogo tranca com a mãe da diretora da loja. Ela sempre me diz: “**Vamos lá** que eu te apresento uma vendedora e você vai ser tratada feito rainha”. Mas é exatamente isso que me irrita: precisar que alguém saiba meu sobrenome para me tratar bem.*

- (5) I: sim mas ... o entrevistado sou eu ...
E: é verdade ... **vamos lá** ... a parte do mar tá acabado?
I: é ...
E: você vai mexer agora só no céu?

(6) Já deu para entender o bastidor deste negócio de US\$ 700 bilhões, não? A questão complica na hora em que se define o papel de cada um. **Vamos lá**: quem decide quais papéis comprar? O Secretário. Quem decide quanto vai pagar? O Secretário. Quem escolhe os intermediários da compra? O Secretário. Para não deixar dúvidas, o texto reafirma que estes poderes podem ser exercidos “sem limitação.”

Em (4), coletado de reportagem da revista *Veja*, temos *vamos lá* como construto ainda no nível lexical, uma vez que *vamos* tem sentido de verbo pleno, referindo-se efetivamente a deslocamento físico, que se complementa por *lá*, representativo de espaço específico. Nesse fragmento, o locutor, de fato, convida o interlocutor a ir com ele a algum lugar. Identificamos nesse uso o estágio menos vinculado da expressão, que admitiria, inclusive, inserções de outros constituintes em seus subcomponentes, como, por exemplo *vamos agora lá* ou *vamos com certeza lá*.

Já em (5) trazemos um trecho de modalidade falada, retirado do *corpus* Discurso & Gramática da cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), que ilustra uso mais integrado e convencionalizado de *vamos lá*. Nesse trecho, os constituintes *vamos* e *lá* formam um todo de sentido e forma que atua no nível pragmático, uma vez que o locutor usa a expressão no convite ao interlocutor para que se pronuncie acerca de determinado tema; trata-se, conforme Traugott e Dasher (2005), da atuação da *inferência sugerida*, uma das motivações para a polissemia e a mudança linguística. O rótulo que elegemos, *monitor textual*, se justifica pelo tipo de funcionalidade desse uso, em que o locutor praticamente procura regular o turno do interlocutor, atuando no sentido de convidá-lo a se manifestar sobre determinado tema, num tipo de estratégia de intersubjetivização (TRAUGOTT; DASHER, 2005). O uso de *vamos lá* como monitor textual, por conta da especificidade funcional de que se reveste, é encontrado basicamente em textos da modalidade falada, em trechos de diálogo.

Por fim, em (6), ilustramos o estágio mais convencionalizado de articulação de *vamos lá* no português contemporâneo, levantado da revista *Veja on-line*. Na função de *monitor social*, a expressão é utilizada de modo mais abstratizado e rotinizado em relação a (5), uma vez que, em textos escritos, como (6), não temos a presença efetiva do interlocutor, portanto o convite se faz a um leitor hipotético, a uma entidade indiretamente referida. Assim usado, descolada em termos sintático-semântico do fragmento em que se insere, a expressão cumpre papel no nível pragmático-discursivo, concorrendo para a instauração do tom geral persuasivo de todo o fragmento. Em (6), a persuasão é instaurada, para além do uso de *vamos lá*, por intermédio da série de perguntas retóricas articuladas.

Teixeira (2010), com base no exame da correlação das propriedades de sentido e forma propostos por Croft (2001), identifica os seguintes traços para o uso mais convencionalizado de *vamos lá*, ilustrados aqui em (5) e (6), que foram nomeados genericamente como *marcadores de injunção*:

Quadro 1: Propriedades do marcador de injunção *vamos lá*

	PROPRIDADES	MARCADOR DE INJUNÇÃO
FORMA	SINTÁTICAS	1) Independência de referência temporal: convencionalização da forma <i>vamos lá</i> ; 2) Posição restrita: início do enunciado; 3) Sujeito falante; 4) Verbo perde propriedade e não seleciona argumento; 5) Função clítica do locativo; 6) Marcado por pausa, codificado por vírgula, ponto, dois pontos.
	MORFOLÓGICAS	1) Não existe possibilidade de introdução de elementos entre os itens: amalgamento consolidado; 2) Cristalização na 1a.p.p. do presente do indicativo; não há contrações no <i>corpus</i> . * em pesquisas posteriores foi encontrada mudança morfológica como: <i>vamulá</i> , <i>vamula</i> , <i>vamlá</i> , <i>vamla</i> .
	FONOLÓGICAS	1) Há redução de material fônico; 2) Forma grupo de força V+LOC: em alguns contextos / <i>vamula</i> /; / <i>vamulá</i> /; <i>vamlá</i> /; / <i>vamla</i> /.
SENTIDO	SEMÂNTICAS	1) Perda do sentido original ligado ao <i>frame</i> em que não há movimento; 2) Sentido altamente intersubjetivo (codificação das perspectivas do falante apontando para o destinatário, convencionalizado na forma verbal: 1a. p.p. garante a intenção de compartilhamento de ideias e atitudes; 3) Há renovação de categorias já existentes: a de marcador discursivo; 4) Há nuance de sentido: deslocamento na intenção (expressa processos mentais); 5) É polissêmico; 6) Denota tendência de falantes recrutarem material para fins de fabricação de texto, ou seja, dando expressão simbólica para estratégias retóricas.
	PRAGMÁTICAS	1) Atuação de inferência sugerida: exortação = uso em contextos de conselho, pedido, sedução, desejo, bem como fatores intervenientes na interação: conduz o destinatário à percepção do ponto de vista e sua concordância; 2) Estratégia de produção do falante: 2.1) economia na produção = leva a reutilização de materiais antigos para novos meios (daí analogia) e rotinização, 2.2) maior explicitude: pressupõe falante tendo destinatário em mente; 3) Expansão de classe matriz: 3.1) locativo para clítico devido à ordenação de tal pronome, 3.2) favorecendo o recrutamento desse locativo para esse uso em razão de sua granularidade vasta.
	DISCURSIVO-FUNCIONAIS	1) Exclusividade de incidência em sequências injuntivas; 2) Comportamento totalmente abstrato e discursivo: exortação = nesse caso um dizer que devemos saber e fazer para alcançar um objetivo, o falante envolve o destinatário em sua opinião de forma que o faça aderir a ela.

Como podemos observar, em conformidade com Traugott (2008), Teixeira (2010) correlaciona propriedades formais e funcionais, na identificação e descrição do uso mais convencionalizado de *vamos lá*. Nesse levantamento, função e forma são tratadas como dimensões correspondentes, sem prevalência ou primazia de uma sobre a outra. Assim posto, numa perspectiva construcional, tal como a aqui defendida, a pesquisa funcionalista precisa dar conta de ambas as dimensões, numa abordagem mais holística dos usos linguísticos. Esse olhar mais amplo vai desde as propriedades fonológicas, no nível mais

elementar e específico, até as relativas ao ambiente discursivo-funcional, concernentes às sequências textuais e aos propósitos comunicativos.

Considerações finais

O tratamento construcional hoje assumido pela pesquisa funcionalista abre uma vasta e instigante agenda de pesquisas. Trata-se de um campo de investigação promissor, que tem contribuído efetivamente para a descrição interpretativa dos padrões de uso linguístico. Uma das tarefas dos funcionalistas é, ao se debruçar sobre os dados, considerá-los representativos de *types*, como efetivações de modelos mais abstratos e virtuais.

Em conformidade com tal entendimento, cabe à pesquisa funcionalista, com base nos *tokens* levantados, identificar e estabelecer as micro, meso e macroconstruções que esses *tokens* realizam. Na pesquisa assim realizada, importa muito o rigor no estabelecimento da correlação função = forma, no esforço pela identificação das propriedades semânticas e estruturais que, combinadas, atuam nos padrões linguísticos em uso. Nesse viés, mecanismos de analogização e neanálise devem ser privilegiados.

Por fim, em perspectiva histórica, importa olhar para fases mais remotas da língua, na tentativa de se captarem dados atestadores de processos de construcionalização, com a criação de novos esquemas, e de processos de mudança construcional, com inovações dentre um dado esquema. Trata-se, nesse sentido, de vincular gramaticalização ao tratamento construcional de modo mais efetivo.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. 252 p.
- _____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 336-357.
- CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001. 448 p.
- CROFT, W.; CRUSE, D.A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 372 p.
- DELANCEY, S. Grammaticalization and linguistic theory. In: GOMEZ, J.; ROOD, D. (Ed.). *Proceeding of the 1993 Mid-America linguistics conference*. Boulder: Colorado, 1993. p. 1-22.
- DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. *Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, n. 2, p. 29-62, 2000.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: Edufrn, 1998. 452 p.

HASPELMATH, M. On directionality in language change with particular reference to grammaticalization. In: FISCHER, O. et al. (Ed.). *Up an down the cline: the nature of grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 2004. p. 17-44.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991. 328 p

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (Ed.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

KURYLOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. *Esquisses linguistiques*, Munich, v. 2, p. 38-54, 1965.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995. 503 p.

_____. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979. 379 p.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006. 280 p.

_____. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995. 265 p.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: CHAMPION, E. (Ed.). *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1921 [1912]. p.130-148.

NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of Language*, Amsterdam, n. 14, v. 2, p. 177-202, 2007.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói: EdUFF, 2012. 291 p.

OLIVEIRA, M. R.; ROCHA, R. A. As expressões “daqui vem” e “daí vem” como instanciações da construção Loc+SV no português contemporâneo. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 155-176, 2011.

ROCHA, R. *As construções “daqui vem” e “daí vem” no português do Brasil*. 2011. 98 p. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

TEIXEIRA, A. C. M.; OLIVEIRA, M. R. Gramaticalização das construções “vá lá” e “vamos lá”. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 16, p. 70-79, 2010.

TEIXEIRA, A. C. *Padrões de uso de “vá lá” e “vamos lá” na norma brasileira do português: microconstruções e gramaticalização*. 2010. 242 p. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.) *Variation, Selection, Development - Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

_____. “All that he endeavoured to prove was...”: On the emergence of grammatical constructions in dialogual and dialogic contexts. Forthcoming in KEMPSON, R.; COOPER, R. (Ed.). *Language in Flux: Variation, Change and Evolution*. Kings College London. (no prelo)

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 341 p.